

ALIENAÇÃO, TERRITÓRIO E LUGAR: ESBOÇO DE REFLEXÃO SOBRE DIÁLOGO ENTRE MÉTODOS DE ABORDAGEM

Alienation, Territory and Place: reflection scheth on dialogue between approach methods

Alienación, Territorio y Lugar: esquema de reflexión sobre el diálogo entre métodos de enfoque

Carlos Alberto Caetano¹

Recebido em: janeiro de 2018. Publicado em: dezembro de 2018.

Resumo: A partir das conceituações de alienação, território e lugar, o artigo discute o uso desses conceitos por autores que usam os métodos de abordagem fenomenológico e materialista dialético, recorrendo a textos de teóricos como Relph (2012); Seamon (1996); Santos (2000); Marandola Jr. (2010); Marx (1970); Guatarri (1985), entre outros. Coloca como questão principal de reflexão a presença do capitalismo em todos os setores da vida dos indivíduos, desde o mais íntimo aconchego do lar, denominado pela fenomenologia como “casulo protetor”, até os aspectos mais transversais sobre a produção do desejo de consumir, a partir dos comerciais veiculados pela mídia. Conceitua que a relação entre sujeito e objeto altera-se a partir da proposição do chamado sujeito corporificado e problematiza sobre a produção de conhecimento científico na contemporaneidade, do ponto de vista da sociedade do capitalismo simbólico.

Palavras-chave: Alienação; Lugar; Território.

Abstract: From the concepts of alienation, territory and place, the article discusses the use of these concepts by authors who use methods of phenomenological and dialectical materialist approach, using texts of theorists such as Relph (2012); Seamon (1996); Santos (2000); Marandola Jr. (2010); Marx (1970); Guatarri (1985), among others. It places as the main question of reflection the presence of capitalism in all sectors of the life of individuals, from the most intimate warmth of the home, termed by the phenomenology as "protective cocoon", to the most transversal aspects about the production of the desire to consume, From commercials conveyed by the media. It conceptualizes that the relation between subject and object changes from the proposition of the so-called embodied subject and problematizes on the production of scientific knowledge in contemporaneity, from the point of view of the symbolic capitalist society.

Keywords: Alienation; Place; Territory.

Resumen: A partir de las concepciones de alienación, territorio y lugar, el artículo discute el uso de esos conceptos por autores que usan los métodos de abordaje fenomenológico y materialista dialéctico, recurriendo a textos de teóricos como Relph (2012); Seamon (1996); Santos (2000); Marandola Jr. (2010); Marx (1970); Guatarri (1985), entre otros. Se plantea

¹ Doutorando em Geografia, Universidade Estadual de Campinas, Email: cacocaetano@gmail.com

como cuestión principal de reflexión la presencia del capitalismo en todos los sectores de la vida de los individuos, desde la más íntima acogida del hogar, denominada por la fenomenología como "capullo protector", hasta los aspectos más transversales sobre la producción del deseo de consumir, de los comerciales transmitidos por los medios. Conceptualiza que la relación entre sujeto y objeto se altera a partir de la proposición del llamado sujeto corporificado y problematiza sobre la producción de conocimiento científico en la contemporaneidad, desde el punto de vista de la sociedad del capitalismo simbólico.

Palabras clave: Alienación; lugar; Territorio.

INTRODUÇÃO

O conceito alienação, uma categoria de análise que integra a abordagem materialista dialética, também aparece em diversos textos de diferentes autores que têm a fenomenologia com principal referência teórica-metodológica. Tal fato estimula uma visão sem engessamento das relações entre conceitos, categorias e métodos de abordagem na produção científica contemporânea, ou seja, o tratamento de forma inter-transmetodológica da produção de conhecimento.

A teoria da alienação aparece na obra de Karl Marx pela primeira vez em 1844, nos *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, e seu melhor intérprete, entre os autores contemporâneos, é István Mészáros (2006). Na análise de Cherobini (2015), sobre a obra de Mészáros, o processo de alienação acontece,

para Marx, por causa das mediações capitalistas que se afirmam sobre o controle do metabolismo social, o homem se torna alienado: 1) da natureza (como própria realidade sensível e como produto transformado do trabalho); 2) de si mesmo (de sua atividade); 3) de seu ser genérico (seu ser como membro da espécie humana); e 4) dos outros homens como tais. Como resultado, tudo se torna “coisificado” e passível de ser transformado em mercadoria (CHEROBINI, 2015, p.1).

Portanto, na própria teoria marxista aparece a ideia de alienação da natureza, considerada como a realidade sensível e produto transformado pelo trabalho do homem. Assim, fica estabelecido como ponto de partida deste artigo que a teoria da alienação, em Marx, fala claramente daquilo que neste artigo será discutido como a alienação do lugar ou alienação do território, tanto nas interpretações de caráter fenomenológico, como nas de caráter materialista dialético, ou de ambas.

Lugar, como uma das principais categorias da fenomenologia, quando esta teoria é “apropriada” pela Geografia, e território, contextualizado para território usado, como opção pessoal do autor deste artigo, a partir de Milton Santos (2000), quase sempre remetendo transversalmente para categorias ligadas ao capital em pares de opostos como, consciência e alienação; identidade e homogeneização; pertencimento e estranhamento.

Segundo Santos (2000), como categoria relacionada com o espaço, território possui laços com política, economia, cultura e linguagem, sendo que a linguagem é considerada por ele como uma emanção do uso do território pela economia e pela cultura.

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população... [...] (SANTOS, 2000, p. 97).

Vai se considerar como aspecto principal da teoria fenomenológica sua problematização sobre o lugar e o enfoque no corpo como elemento onde está enraizada a consciência, não uma consciência estanque do mundo, como diz Lima (2014, p.92). Mas uma consciência corporificada.

A consciência transcendental, inspiradora de um sujeito do conhecimento que se lançava por sobre todas as coisas à imagem de uma consciência de sobrevoo, sede (sic) vez à consciência corporificada. Em lugar de uma consciência estanque do mundo, isolada como uma substância ou com um *a priori* de toda experiência, a experiência está enraizada pela experiência corpórea. O sujeito se institui, portanto, como um sujeito corporificado, compondo uma unidade entre ação e teoria, antes mesmo que se reduza o objeto a uma categoria cognitiva (LIMA, 2014, p.92).

Então, independentemente de que o objeto deste artigo como categoria seja a alienação, o território ou o lugar, o sujeito corporificado, o corpo, institui uma relação dialética entre ação e teoria, qualquer que seja a categoria adotada como referência, tornando-se uma síntese que não permite restringi-lo às suas leis físico-biológicas.

O corpo não se reduz a uma unidade objetiva fisiológica *localizada* no espaço, como se convencionou adotar. O corpo objetivo das ciências é um corpo tomado como unidade sintética, descontados todos os aspectos acidentais destoantes da inclinação impessoal característica da representação científica. “Para um ser que adquiriu a consciência de si e de seu corpo, que ascendeu à dialética do sujeito e do objeto, o corpo já não é a causa da estrutura da consciência; tornou-se objeto da consciência” (MERLEAU-PONTY, 2004b, p.315) apud (LIMA, 2014, pp.92-93).

O artigo está subdividido em níveis diferenciados de elaboração a partir do seu desenvolvimento, que recebe o apoio da frase **“A dialética do sujeito corporificado”**, numa referência clara à ligação com a fenomenologia; além de duas outras unidades que buscam conectar a reflexão que vai sendo construída ao mesmo tempo com o materialismo dialético, em

“*Capital e vida cotidiana*” e “*A produção capitalista da subjetividade*”, indicando nas considerações finais a necessidade da busca por uma abordagem inter-transdisciplinar.

Desenvolvimento: a dialética do sujeito corporificado.

A conexão entre o pensamento sobre a dialética do sujeito e a dialética do objeto, portanto, se faz presente de forma bastante evidenciada no texto de Merleau-Ponty (2004b), citado por Lima (2014), que continua sua argumentação evidenciando, ainda que transversalmente, a presença do marxismo nessa interpretação a partir da categoria práxis, aqui colocada como a prática humana do chamado sujeito corpóreo.

A reunião da subjetividade no corpo, fazendo da consciência um traço da experiência perceptiva, torna o sujeito corpóreo uma unidade vital preta de possibilidades. O corpo é um dos únicos (senão o único) meios concretos de conciliar ideia e prática, tornando-as *práxis* (no sentido marxiano do termo), convertendo-a em ação crítica, portanto, consciente, [...] (LIMA, 2014, p.93).

Essa conceituação sobre o corpo e a materialidade corpórea do sujeito, colocada a partir da reflexão de Merleau-Ponty (2004 b), por Lima (2014), traz uma contribuição importante como conexão entre os principais teóricos da fenomenologia: o próprio Merleau-Ponty; Husserl e Heidegger que, num certo sentido, dialogam conceitualmente sem que haja necessidade de uma concordância entre os mesmos em relação ao papel do corpo na caracterização da presença do sujeito no mundo. As discordâncias são árvores frutíferas para a construção do conhecimento.

Ao admitir o corpo como um requisito para ser-no-mundo, Merleau-Ponty revela uma influência direta de Heidegger, sobretudo, pelo fato de o filósofo francês considerar a redução fenomenológica um método, e não propriamente um fim, como preferia Husserl. Mas a semelhança para por aí. O corpo, tal como Merleau-Ponty o compreende, não é uma coisa ou uma substância, não é uma *res corpórea* como Heidegger (2004,p.135) o qualifica, eliminando qualquer possibilidade de compreendê-lo como referente empírico com as mesmas propriedades ontológico-sensíveis do mundo (LIMA, 2014, p.94).

Esse paralelismo que Lima (2014) faz entre as obras de Heidegger e Husserl a partir da leitura de Merleau-Ponty, é importante por evidenciar que dentro da própria fenomenologia há enfoques diferentes em relação à questão do corpo e do sujeito corporificado.

Aqui está colocado um aspecto central da discussão sobre consciência e alienação na corporificação do sujeito, embora, a rigor, o que aparece no texto de Lima (2014) aponte para outro par de opostos, subjetividade e objetividade. Assim, pode-se interpretar que existe um

paralelismo possível entre consciência e alienação de um lado e objetividade e subjetividade de outro.

O próprio Lima (2014), aborda a noção de *Dasein* (estar aí) na formulação do filósofo alemão. Segundo Lima (2014), Heidegger substitui o sujeito pela noção de *Dasein* (que é, em linhas gerais, o modo de ser do ente humano), o que para ele implica numa substituição da noção de sujeito pelo conceito de “homem”.

A partir dessa perspectiva pode ser colocado na discussão outro conceito importante no acontecer histórico-geográfico, tanto do ponto de vista do materialismo dialético como da fenomenologia: o conceito de cultura, destacado por Lima (2014). Já que ao falar em homem também está se falando em cultura. Homem e cultura são imbricados.

A perspectiva de um sujeito é sempre uma interpretação derivada de múltiplas contribuições perspectivas de outros sujeitos. Isso o caracteriza como membro ativo de uma mesma cultura em que os membros, embora possam ter interesses particulares ou coletivos distintos (o caso do interesse de classes), têm, em tese, suas perspectivas inteligíveis a todos (LIMA, 2014, p.95).

Quaini (2002) aborda um aspecto importante do que pode ser considerada como a distinção feita por Karl Marx em relação à

comunidade, que se limita à simples reprodução das condições de produção e dos indivíduos, do *capital*, que opera a produção da própria riqueza e portanto o desenvolvimento universal das forças produtivas como pressuposto de sua reprodução [...] (QUAINI, 2002, p.129).

Essa distinção deve ser levada em conta ao se problematizar sobre a relação entre o indivíduo e a natureza, o indivíduo e o lugar ou o indivíduo e o território, ao se abordar a questão da vivência cotidiana, seja do ponto de vista do lugar vivido, seja do ponto de vista do território usado, ou simplesmente da relação homem x natureza. Em muitos casos, o que é considerado como vivido, refere-se exclusivamente à vida pessoal, familiar ou ao indivíduo inserido na comunidade e ao que é chamado de simples reprodução das condições de produção.

Capital e vida cotidiana.

Há uma lacuna, na minha interpretação, em alguns estudos fenomenológicos, no que diz respeito à vivência do indivíduo inserido no sistema contemporâneo de produção do capital, em que a produção se apresenta como finalidade do homem e a riqueza como finalidade da produção. Interpreto que os estudos com base numa abordagem materialista dialética cumprem mais a função de problematizar essa relação entre vida cotidiana e produção e reprodução do capital.

Ao falar sobre o lugar vivido ou território usado alguns autores “perdem” a referência da importância do capital como presença constante em todas as relações estabelecidas entre os indivíduos (todos) e eles mesmos, no sentido de construção de suas personalidades e das suas subjetividades; no sentido dos indivíduos com outros indivíduos (inter-relacional), e entre o conjunto de indivíduos (usualmente denominado de comunidade) e o lugar e/ou o território na produção da riqueza, na produção e reprodução do capital.

Marx, segundo Quaini (2002), questiona a esse respeito sobre

[...] o que é a riqueza se não a universalidade das necessidades das capacidades, dos prazeres, das forças produtivas, etc., dos indivíduos, criada na troca universal? O que é senão o pleno desenvolvimento do domínio do homem sobre as forças da natureza, quer sobre as chamadas da natureza, quer sobre as da própria natureza? O que é senão a manifestação absoluta de seus dotes criativos, sem outro pressuposto a não ser o desenvolvimento histórico precedente, que torna esta totalidade do desenvolvimento um fim em si mesma, (sic) isto é, do desenvolvimento de todas as forças humanas como tais, não mediadas a partir de uma métrica *já dada*? [...] (MARX, K. Lineamenti, pp 112-3, apud QUAINI, 2002, p.129).

Araújo (2015), ao analisar a obra de Postone M., *Critique and Historical Transformation In: Historical Materialism*, vol. 12:3, 2004, p.53, coloca que

Postone defende que o capitalismo possui uma dinâmica peculiar que implica no aumento da produtividade do trabalho com correspondente redução do valor por unidade de mercadoria produzida. Tal tendência é orientada pela dimensão temporal do valor. “A forma historicamente específica e abstrata de dominação social intrínseca às formas fundamentais de mediação social ao capitalismo é a dominação das pessoas pelo tempo. Esta forma de dominação é na certa uma forma abstrata e específica de temporalidade – tempo abstrato newtoniano – que é constituído historicamente com a forma-mercadoria” (POSTONE, 2004, p.60 apud ARAÚJO, p.54).

Essa temporalidade específica e às vezes abstrata do capital, que em sua expansão gera formas diferentes de expansão, ora como mercadoria, ora como dinheiro propriamente, permite a Postone (apud Araújo, 2015), associar Marx e Hegel na discussão sobre capital, do ponto de vista do materialismo dialético e sobre espírito, do ponto de vista da fenomenologia.

Postone associa diretamente a descrição que Marx faz do capital à exposição que Hegel faz na “Fenomenologia” do “*Geist*” (espírito). Ele defende que a linguagem de Marx ao tratar do capital enquanto movimento é a mesma usada por Hegel para descrever o espírito enquanto “a substância automovente que é sujeito do seu próprio processo. Dessa forma Marx sugere que o sujeito histórico no sentido hegeliano deve de fato existir no capitalismo. Ainda que – e isto é crucialmente importante – ele não identifique aquele sujeito com o proletariado (como faz Lukács), ou igualmente com a humanidade. Ao

contrário, ele o faz com referência ao capital” (POSTONE, 2004, p.20 in ARAÚJO, 2015, p.55).

Em nota de pé de página, Araújo (2015) esclarece um pouco mais a questão da apropriação do espírito (*geist*) hegeliano por Marx, a partir da leitura que faz de Postone (2004).

Postone, no item intitulado “*Labor and Totality: Hegel and Marx*”, do capítulo 2, (“*Pressuppositions of traditional Marxism*”) do livro *Time, Labor and Social Domination*, dedica-se a indicar esta apropriação do espírito (*geist*) hegeliano por Marx, ficando evidente que ele trilha este caminho como contraponto à construção teórica de Lukács apresentada no artigo “A Reificação e a Consciência do Proletariado” que compõe o livro *História e Consciência de Classe*. Neste momento cabe assinalar que toda a apreensão de Postone é epistemológica/gnosiológica, trata-se de identificar o procedimento de apropriação por Marx das categorias e método hegeliano, mas sem abordar o absurdo ontológico de um espírito (substância) automovente e que redundava num sujeito-objeto idêntico. Ou melhor, sem ser capaz de apreender as duas ontologias de Hegel e distinguir o que há de progressista e o que há de absurdo em sua construção. [...] (ARAÚJO, 2015, p.55).

Não há como separar a lógica do capital da vida cotidiana dos seres humanos, onde quer que essa vida se manifeste, em qualquer classe social e em qualquer contexto de relações sociais. Tudo está relacionado, no mundo contemporâneo, com a produção capitalista, inclusive a produção da subjetividade.

A produção capitalista da subjetividade.

Para dar densidade à discussão sobre a vida cotidiana do chamado sujeito corporificado, bem como problematizar sobre aspectos denominados de existencial interno e existencial externo, para citar Relph (2012), sendo o existencial externo considerado por mim como a referência na produção da alienação do ponto de vista dessa formulação fenomenológica, acho importante introduzir algumas citações da teoria de Felix Guatarri (1985), sobre a produção capitalista da subjetividade.

Quando Guatarri (1985), fala em semiotização do poder, é importante entender exatamente o que o mesmo quer dizer a partir de sua formulação sobre os agenciamentos coletivos de enunciação.

Os agenciamentos coletivos de enunciação produzem seus próprios meios de expressão - podendo tratar-se de uma língua especial, de uma gíria, da volta de uma língua antiga. Para eles, trabalhar os fluxos semióticos, os fluxos materiais ou os fluxos sociais são uma só coisa. Não mais se tem face a face um sujeito e um objeto e, em terceira posição, um meio de expressão; não mais se tem a tripartição entre o campo da realidade, o campo da representação e da representatividade e aquele da subjetividade. O que se tem é um agenciamento

coletivo que é, ao mesmo tempo, sujeito, objeto e expressão (GUATARRI, 1985, p.178).

A relação entre sujeito e objeto, nesse sentido, pode ser contextualizada para as relações que acontecem no lugar vivido, para usar uma referência com base na fenomenologia, esse debate entre o que é o campo da realidade, o campo da representação e o campo da representatividade é bastante atual. Ou seja, a compreensão de que o sujeito, inserido em um lugar, está submetido do ponto de vista do capital, a um agenciamento coletivo, passando a ser ao mesmo tempo sujeito e objeto, e claro, expressão. O sujeito e seu corpo.

O indivíduo não mais é aquele que responde universalmente pelas significações dominantes. Aqui, tudo pode participar da enunciação - tanto indivíduos quanto zonas do corpo, trajetórias semióticas ou máquinas ligadas em todas as direções. O agenciamento coletivo de enunciação une os fluxos semióticos, os fluxos materiais e os fluxos sociais, muito aquém da retomada que pode fazer dele um *corpus* linguístico ou uma metalinguagem teórica. Como é possível tal passagem? Trata-se, aqui, de um retorno as utopias anarquistas? Querer dar palavras às massas, numa sociedade industrial altamente diferenciada, não é uma ilusão? Como um objeto social - um grupo sujeito - poderia substituir o sistema das representações e as ideologias? (GUATARRI, 1985, p.178)

Além desse aspecto sobre o sistema das representações e as ideologias, Guatarri (1985) fala sobre o agigantamento do sistema de produção capitalista e conseqüente molecularização dos elementos humanos.

A evolução da divisão social do trabalho implicou na constituição de conjuntos produtivos cada vez mais gigantescos. Mas este agigantamento da produção provocou uma molecularização cada vez mais acentuada dos elementos humanos que eles colocavam em jogo nos agenciamentos maquínicos da indústria, da economia, da formação, da informação, etc. Nunca é um homem que trabalha - e pode-se dizer o mesmo quanto ao desejo -, mas um agenciamento de órgãos e máquinas (GUATARRI, 1985, p.181).

Um aspecto importante diz respeito à relação entre os sujeitos, isto é, os indivíduos, que passam a integrar, do ponto de vista do desenvolvimento atual do capitalismo, cadeias semióticas que também podem ser vistas como redes de máquinas presentes em todos os momentos das vidas cotidianas.

Um homem não mais se comunica diretamente com seus semelhantes: os órgãos, as funções, participam de uma “montagem” maquínica, que coloca em conjunção cadeias semióticas e todo um cruzamento de fluxos materiais e sociais. (Exemplo: dirigindo um carro: os olhos leem a estrada, praticamente sem intervenção da consciência; a mão e o pé estão integrados às engrenagens da máquina, etc.) (GUATARRI, 1985, p.181).

Para que todo esse aparato de “controle social” funcione, é importante que o capital faça uma intervenção nas territorialidades. Explodindo-as. Nesse sentido, cabe a discussão que faz justiça ao título desse artigo: para que se possa fazer esse tipo de interpretação, devemos adotar como categoria de análise o lugar ou o território? Por que não se considera que o capital também explode as chamadas lugaridades, adotadas pela interpretação fenomenológica? O capitalismo explode os territórios ao promover a desterritorialização? Perguntas para gerar reflexão no leitor. Não existem respostas prontas e definitivas para tais perguntas.

Em contrapartida ao fato de terem explodido as territorialidades humanas tradicionais, as forças produtivas estão hoje aptas para liberar a energia “molecular” do desejo. Não podemos avaliar, ainda, o alcance revolucionário desta revolução maquínico-semiótica, mas ela é manifestamente irreversível. É, aliás, o que leva os sistemas totalitários e socialistas-burocráticos a aperfeiçoar e a miniaturizar ininterruptamente seus sistemas repressivos. (GUATARRI, 1985, p.181).

A produção do desejo na contemporaneidade acontece a partir de máquinas semióticas, máquinas técnicas e sistemas econômicos desterritorializados e esses desejos são liberados de forma cada vez mais maiores. Mas, em relação a essa quase “volúpia” de desejos que se manifestam na vida cotidiana dos indivíduos, desejos estimulados muitas vezes pela mídia, em especial a televisão, o capitalismo se encarrega de produzir formas molecularizadas de reprimir esse “vulcão” de desejos dos indivíduos. Essa forma molecularizada de repressão se reflete diariamente e diretamente no que a fenomenologia chama de lugar vivido, numa relação específica com o corpo de cada sujeito ou com o sujeito corporificado.

A produção da alienação pelo capital, sentencia Guatarri (1985, p. 187-202), muitas vezes tem um caráter subjetivo, que produz uma alienação subjetiva, que interfere no pensamento humano e na produção de desejo. Assim, Guatarri (1985), explica o poder do capital na vida diária dos indivíduos.

Dessa perspectiva, não existe subjetividade possível sem que essa subjetividade esteja de alguma forma relacionada com o capital. Ao mesmo tempo, essa interpretação coloca uma questão pouco discutida, o fato de que mesmo aquela subjetividade que se acredite seja extremamente pessoal, por exemplo o sentimento de estar na sala de casa observando objetos com os quais se tenha alguma história pessoal e familiaridade, ou seja, estar no aconchego do lugar mais íntimo, chamado de “casulo protetor” pela fenomenologia, produzindo uma subjetividade “individual”, essa subjetividade é ressonância do modo de subjetivação capitalista. Os valores de uso estabelecidos na vida íntima do lugar perdem seu sentido.

Não existe nada que possa ser considerado mais característico da conceituação de lugar vivido, da percepção e da vivência do lugar pelo sujeito, do ponto de vista da interpretação

fenomenológica, do que os chamados comportamentos perceptivos, sensitivos, afetivos, cognitivos, linguísticos, etc., aos quais se refere Guatarri (1985). Ele interpreta que são nesses procedimentos que a máquina desterritorializada do capital é implacável e eficaz. E sentencia que são essas as ocorrências onde também se produz a alienação.

Não podemos aceitar as explicações teóricas da alienação das massas a partir de uma engambelamento ideológica qualquer ou de uma paixão coletiva masoquista. O capitalismo se apodera dos seres humanos por dentro. Sua alienação pelas imagens e ideias é apenas um dos aspectos de um sistema geral de servomecanismo de seus meios fundamentais de semiotização, tanto individuais quanto coletivos. Os indivíduos são "equipados" de modos de percepção ou de normalização de desejo, da mesma forma que as fábricas, as escolas, os territórios.[...] (GUATARRI, 1985, p.205).

Para concluir as citações de Guatarri (1985), destaco sua formulação que considero uma síntese sobre o que ele chama de servomecanismo maquínico capitalista, quando o capitalismo se apodera das cargas do desejo humano, instalando tal servomecanismo no coração dos sujeitos.

Mas, precisamente em razão de ele intervir ao nível mais funcional - sensitivo, afetivo, práxico -, o servomecanismo maquínico capitalista é suscetível de inverter seus efeitos e de levar a revelação de um novo tipo de mais-valia maquínica perfeitamente percebida por Marx. Desdobramento do possível da raça humana, renovação constante do horizonte de seus desejos e de sua criatividade. O capitalismo pretende se apoderar das cargas de desejo que a espécie humana traz em si. É por intermédio do servomecanismo maquínico que ele se instala no coração dos indivíduos (GUATARRI, 1985, p.206).

Não é incomum encontrar pessoas de todas as classes sociais, cada uma com sua caracterização com base em aspectos socioeconômicos ou culturais, nos mais diversos lugares, apegadas aquilo que consideram ser o "seu característico" modo de vida, modo de se relacionar com o lugar onde vive, trabalha, etc. Mais do que efeito da publicidade do capitalismo através da mídia, em especial nos intervalos comerciais dos programas de televisão, a impressão que se tem é a de que o capital tomou conta a essência do desejo humano, impondo um padrão que muitas vezes é adotado passivamente, ou se você preferir, alienadamente.

Não se pode contestar, por exemplo, que a integração social e política das elites operárias e dos quadros de direção não seja exclusivamente baseada num interesse material, mas também em seu apego por vezes muito profundo à sua profissão, sua tecnologia, suas máquinas... De modo mais geral, é claro que o meio ambiente maquínico secretado pelo capitalismo está longe de deixar indiferentes as grandes massas da população e isto não se deve somente às seduções publicidade, à interiorização, pelos indivíduos, dos objetos, dos valores da sociedade de consumo. Parece que algo da máquina participa "para valer" da essência do desejo humano. Toda questão está em saber qual máquina e para quê. (GUATARRI, 1985, p.206).

Assim, território e lugar podem parecer categorias de análise sem conteúdo, vazias, quando são interpretadas e analisadas sem a necessária contextualização de que tal território e tal lugar estão inserido, contemporaneamente, no mundo do capital. Pode até parecer óbvio, mas na situação em que o mundo atual se encontra, talvez seja necessário repetir exatamente o que nos parece óbvio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Chega-se, por fim, aquilo que é a questão colocada como base na construção deste artigo, - a partir do questionamento proposto por Araújo (2015), e da interpretação da obra de Marx por Postone (2004), - relacionar as categorias mercadoria, valor e capital, do ponto de vista do Materialismo Dialético, com a produção da alienação e relacioná-la a lugar, como categoria central da Fenomenologia, para problematizar sobre a relação sujeito-objeto nos dois métodos de abordagem citados.

A pergunta final que não quer calar diz respeito à produção acadêmica contemporânea: quem ou o que estimula que, cada vez mais pesquisadores preocupem-se menos com a presença do capital na vida cotidiana das pessoas? Há uma aceitação tácita do triunfo implacável do capital? Alguém realmente acredita que a população mais pobre, violentamente explorada, no aconchego do seu “casulo protetor” está protegida da exploração pelo capital?

Para responder a essas perguntas, acredito que a produção científica contemporânea precisa caminhar mais na direção de abordagens inter-transmetodológicas, abordagens cruzadas que construam uma complexidade sobre o objeto e o sujeito, como este esboço de reflexão procurou construir, recorrendo à fenomenologia e ao materialismo dialético para problematizar sobre a alienação no mundo atual. O mundo do capitalismo simbólico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Paulo Henrique Furtado de. **Superação do capitalismo a partir da lógica humano-societária do trabalho?** Postone, Lukács e Chasin se encontram. In: NEVES, Renake Bertholdo David (org.) Marx: Trabalho, estranhamento e emancipação. Vol. I, 1ª. ed. – Rio de Janeiro: Consequência, 2015, pp- 51-90.

CHEROBINI, Demétrio. **A teoria da alienação em Marx, de István Mészáros.** Publicado em www.correiocidadania.com.br em 28 de fevereiro de 2015, pdf, acessado em 23/10/2015 às 15h21.

GUATARRI, Felix. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo.** 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo** (parte I). 13ª. ed. Petrópolis: Vozes: 2004.

LIMA, Elias Lopes de. **Encruzilhadas geográficas:** notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MARANDOLA JR, Eduardo J. **Identidade e autenticidade dos lugares:** o pensamento de Heidegger em *Place and Placelessness*, de Edward Relph in Espaço de Socialização de Coletivos, Perspectivas fenomenológicas da Geografia, XVI Encontro Nacional de Geógrafos, Porto Alegre: 2010.

MARX, K. *Il Capitale, III: Critica dell'economia politica, 8 vol., Roma, Editori Riuniti, 1970, p. 183.* apud QUAINI (2002), p. 135.

_____. *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica.* Firenze, La Nuova Itália, 1968-1970 (contém também a importante *Introduzione a Per la critica dell'economia politica (1857)* e *Le forme economiche precapitalistiche*) apud QUAINI (2002).

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx.** Boitempo: 2006.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na Geografia de Milton Santos.** São Paulo: Annablume, 2013. (Geografia e Adjacências).

POSTONE, M. *Critical and Historical Transformation.* In: *Historical Materialism*, v. 12:3, 2004.

QUAINI, Massimo. *Marxismo e Geografia.* 3ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

RELPH, Edward. **Place and Placelessness**, in *The Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter*, v.7, n° 3, 1996.

_____. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar.** In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Wherter; OLIVEIRA, Lívia (Orgs.) **Qual o espaço do lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiv, 2012. p. 17-32.

SANTOS, Milton. **Por uma outra Globalização.** Do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

SEAMON, David. **A singular impact: Edward Relph's: Place and Placelessness.** *Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter.* v. 7, n. 3, p.5-8, 1996.